
Ludicidade no ensino de Jornalismo e Saúde: modelização como recurso didático no ensino da disciplina¹

Marcelo ROBALINHO²
Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió, AL

RESUMO

O presente artigo tem a finalidade de discutir a experiência da modelagem promovida na disciplina de *Jornalismo e Saúde*, no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas. Por meio da análise da produção de seis cartazes e representações com elementos em 3D articulando as noções de jornalismo e saúde produzidos em agosto de 2022, a atividade incentivou os alunos a articularem a concepção criada em grupo com as noções estudadas e discutidas posteriormente. Pensando na dimensão participativa e transformadora da prática comunicativa, a produção de um significado comum buscou aproximar os estudantes das teorias, dando-lhes condições para refletirem criticamente sobre a importância da associação interdisciplinar entre as duas áreas.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; modelização; relato de experiência; saúde; SUS.

PREPARANDO O ESPAÇO

Considerando o fato de os cursos de graduação em Jornalismo terem nas suas diretrizes, entre outros, a promoção da interdisciplinaridade, o uso de metodologias ativas que privilegiem a participação ativa do estudante e a necessidade da expressão dialógica entre os indivíduos, a realização de atividades diferenciadas em sala de aula é um dos caminhos para uma compreensão mais abrangente e complexa dos conteúdos estudados. A modelização é uma dessas atividades pedagógicas, tendo um papel significativo no ensino da disciplina de *Jornalismo e Saúde*, na Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Comumente usada nas matérias de Matemática, Física e Biologia como forma de sintetizar equações, fórmulas, fenômenos ou mesmo representar o corpo humano em modelos representacionais que facilitem a compreensão, a modelização vem sendo trabalhada tanto na escola quanto na universidade em iniciativas específicas com o propósito de abrir espaço para análises mais aprofundadas e interdisciplinares a partir da materialidade de um produto construído pelos próprios estudantes.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023 na PUC-Minas.

² Doutor em Comunicação e Saúde, com estágio doutoral no Centre d'analyse du discours (CAD) da Université Paris XIII. Professor Adjunto do Curso de Jornalismo da UFAL, email: marcelo.robalinho@ichca.ufal.br.

Na UFAL, onde *Jornalismo e Saúde* integra o rol das disciplinas eletivas do Curso de Jornalismo desde 2020, a modelização vem sendo sugerida, ao longo dos semestres presenciais, como forma de estimular o pensamento crítico dos alunos, proporcionando prazer e diversão. Ao mesmo tempo, propõe uma experiência em sala para além das apresentações de trabalhos acadêmicos e debates formais sobre o conteúdo estudado. A ideia é lançar mão da bagagem prévia dos estudantes acerca de questões que conectam as duas áreas para a construção de maquetes ou cartazes aludindo a uma conexão inicial entre as noções que envolvem o jornalismo e a saúde para podermos discutir posteriormente os conceitos aproveitando o que foi elaborado.

Experiências lúdicas em sala de aula costumam ser “esquecidas” ou relegadas à memória de jovens e adultos no Ensino Médio e Superior, por estarem restritas ao universo das crianças apenas. Jogos e brincadeiras possuem um potencial de aprendizagem experimental, permitindo vivenciá-las como processo social através do lúdico e gerando na educação uma alfabetização significativa (Fantacholi, 2017, [online]). Através de atividades prazerosas, os jovens podem ser desafiados a pensarem e buscarem resolver questões que aparentemente seriam mais complexas de serem resolvidas da forma mais convencional em sala de aula. Tem a ver com a descoberta de si e da possibilidade de experimentar, criar e transformar o mundo (Rojas, 2002).

Em *Jornalismo e Saúde*, buscamos resgatar o lúdico no jovem universitário como maneira de provocá-lo a vivenciar uma atividade diferenciada em sala de aula em equipe, trazendo à tona a memória da infância com o olhar do adulto para prepará-lo para as reflexões interdisciplinares propostas pela disciplina. Na UFAL, 59,1% dos 28.994 estudantes matriculados em 2018 tinham entre 18 e 24 anos, enquanto 40,5%, 25 anos ou mais. Do tipo de escola em que cursou o Ensino Médio, 54,3% estudaram apenas em colégio público, 30,6% somente em colégio particular, 5,4%, a maior parte em escola pública e 5%, a maior parte em escola da rede privada.

Considerando o nível de escolaridade das mães e dos pais dos alunos da UFAL, a realidade se mostra abaixo da média nacional. Na instituição, somente 16,2% das mães concluíram o Ensino Superior, percentual abaixo dos 20,5% observados entre os alunos dos institutos federais do país (Universidade Federal de Alagoas, 2020). Entre os pais, o índice também é menor: 11,6% dos genitores de estudantes da UFAL terminaram o Ensino Superior, contra os 16,2% da média nacional. Isso revela uma mobilidade potencialmente ascendente dos jovens alagoanos matriculados na universidade pública.

Em termos econômicos, a renda familiar do estudante no Estado revela diferenças significativas que indicam o papel da universidade pública na formação superior e no futuro dos jovens no mercado de trabalho. Em 2018, 23.195 dos 28.994 discentes da UFAL integravam famílias com renda per capita de até um salário mínimo e meio, o que representa percentualmente 80,2% do total. No Brasil, o índice dos estudantes das Ifes que faziam parte de núcleos familiares com até 1,5 salário mínimo era de 70,2%. Já no Nordeste, o índice era de 78,3%.

Comparando esses dados com os do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), percebemos como as dificuldades financeiras vivenciadas impactam no desenvolvimento da comunidade discente universitária. Em Alagoas, 48,9% da população vivia abaixo da linha da pobreza em 2018, contra 26,5% do percentual no país no mesmo período. Dos 81,8% dos estudantes que afirmaram ter dificuldades interferindo na vida ou no contexto acadêmico, 21,4% eram de ordem financeira, enquanto 13,3%, a carga horária excessiva de trabalho, devido a longas jornadas, uma forma de aumentar a remuneração (Universidade Federal de Alagoas, 2020).

Considerando que 14,4% dos alunos relataram problemas emocionais; 10,1%, dificuldades de aprendizado e 8,1%, relacionamento social/interpessoal como outras questões que afetavam a vida ou o desenvolvimento acadêmico, a introdução de atividades lúdicas em sala de aula a exemplo da modalização estimula o processo de aprendizagem por meio de uma socialização livre de maiores julgamentos entre os colegas, contribuindo para um olhar diferenciado sobre a importância do diálogo e da interação nas relações em sala de aula, algo que pode ser ampliado para a vida social.

SEPARANDO OS MATERIAIS

Analisando diversas abordagens que tratam da ludicidade, Massa (2015) propõe um enfoque objetivo (fenômeno externo ao sujeito, sendo experienciado socialmente) e outro subjetivo (experiência sentida internamente pelo sujeito, aliando ação, emoção e pensamento). Para ele, a experiência lúdica “possibilita ao sujeito experimentar a igualdade entre todos e tudo que existe. Estimula a aprendizagem da ética, das estratégias mentais e, sobretudo, da harmonia entre as pessoas” (Massa, 2015, p. 127).

Resgatar esse recurso lúdico como ferramenta pedagógica do ensino na universidade auxilia alunos e professores não só a respeito de uma maior compreensão dos conceitos estudados numa disciplina, como também no entendimento de outros

aspectos igualmente importantes para o desenvolvimento do alunado, da empatia e observação à linguagem e capacidade de comunicação. No geral, a modelização é usada para representar um processo de elaboração de modelos ou apropriar modelos já consolidados e aceitos. No ensino das ciências, a modelização vem sendo apontada como um instrumento pedagógico bastante útil na ampliação da reflexão, das discussões e da participação ativa dos estudantes no processo de aprendizagem, segundo Duso e autores (2013). Na Matemática e na Física, afirmam, costuma ser utilizado para a construção de equações e descrições de cálculos. Já na Biologia, surge como alternativa para a elaboração de protótipos que representem o corpo humano, enquadrando-se na categoria dos modelos representacionais, assim como no ensino da Química.

No Ensino Superior, a modelização vem sendo experimentada em cursos como Administração e Medicina, com a finalidade de trabalhar aspectos conceituais a partir de um problema apresentado da realidade. Em Administração, a modelagem serviu para a resolução de cálculos matemáticos numa abordagem interdisciplinar com alunos de cursos correlatos, contribuindo para um pensamento crítico e na construção de um saber mais concreto a partir da observação dos fenômenos anteriormente menos tangíveis aos olhos (Silva; Bueno, 2018). No caso da Medicina, nos cursos estruturados em aprendizagem baseados em problemas, em que o estudante se torna protagonista no seu próprio processo de formação, a modelização tridimensional é experimentada como maneira de despertar as memórias visual e tátil e fazer com que o aluno manifestar o que aprendeu dos conteúdos estudados, como embriologia (Silveira; Ideriha, 2013).

Retomando a memória afetiva das experiências lúdicas realizadas nas séries iniciais da escola, a modelagem explora os sentidos, em especial a visão, o tato e a audição, bem como as sensações advindas desse tipo de exercício. Importante para a aprendizagem das crianças, a ludicidade permite que o estudante crie e recrie utilizando, para isso, a sua imaginação, tornando o espaço de ensino mais atrativo e prazeroso. Para as crianças, funciona como instrumento metodológico que permite uma aprendizagem significativa através do contato com os colegas de sala e promove um maior desenvolvimento social, afetivo, cognitivo e motor.

Para jovens e adultos, no Ensino Superior, a modelização contribui na compreensão e concretização de noções teóricas abstratas, ampliando as possibilidades do conhecimento a partir do momento que os estudantes interagem entre si para pôr a mão na massa e pensar, de forma lúdica e mais aberta, na complexidade que envolve a

associação entre os conceitos (Almeida, 2016; Klauberg, 2016; Springer; Nummer, 2006). Em cursos da área de Comunicação, a modelização vem sendo aplicada pelo pesquisador há sete anos.

Em 2016 e 2017, durante minha passagem pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), a experiência buscava provocar os alunos de Jornalismo e Rádio, TV e Internet a refletirem sobre os conceitos estudados na disciplina *Teoria da Comunicação II*. A atividade levou-os a interagirem entre si para facilitar a troca de ideias, uma maior compreensão sobre o papel e os modelos teóricos da comunicação e, por tabela, a produção consensuada de uma escultura que concretizasse uma ideia comum dos grupos sobre o que seria a comunicação para eles, buscando identificar similaridades e diferenças entre o que eles construíram no início da disciplina, ainda sem base teórica, com as noções estudadas posteriormente ao longo do semestre letivo.

Pensando na comunicação como troca dialógica tanto no aspecto discursivo (Bakhtin, 2002) quanto na dimensão participativa e transformadora das práticas comunicativas (Freire, 1983), a produção de um sentido comum sobre comunicação naquele momento na UFJF foi o ponto de partida para ampliar atualmente a proposta na disciplina de *Jornalismo e Saúde* na UFAL para refletir sobre a importância do jornalismo e saúde numa articulação eminentemente interdisciplinar entre as duas áreas, com destaque maior para o campo jornalístico pelo lugar de fala dos estudantes e professor envolvidos. Este artigo é um relato de experiência do trabalho que vem sendo desenvolvido desde 2022 em Alagoas.

COLOCANDO A MÃO NA MASSA

No ensino da disciplina eletiva *Jornalismo e Saúde*, a modelagem foi adotada, nos dois semestres que se seguiram após o retorno ao ensino presencial na UFAL, em março de 2022. Experimentada anteriormente na produção dialogada de significados entre alunos associando ideias pré-concebidas com as teorias pelo pesquisador em outra instituição na disciplina de Teoria da Comunicação II (Ferraz, 2018), a modelização teve como diferencial desta vez a construção de significados na articulação entre duas noções de áreas distintas (“jornalismo” e “saúde”).

A utilização dessa experiência na UFAL variou conforme o contexto de cada turma, os conteúdos ministrados e o material disponibilizado. Em todas elas, foi proposta como atividade de classe, geralmente no segundo dia de aula, como forma de

captar dos alunos o entendimento prévio que eles tinham do assunto. Para tanto, eram formadas equipes de três a cinco integrantes para a construção de uma representação imagética – fosse uma maquete ou um cartaz – indicando a conexão que o grupo fazia para a articulação dos significados solicitados. Ainda sem conceitos apresentados pelo professor ou discussões prévias em sala de aula, os estudantes tinham de exprimir livremente o seu entendimento sobre o assunto, trazendo à tona livres noções associações entre os dois campos.

Para a elaboração dessa representação imagética, foram fornecidos itens como massa de modelar, cola, tesoura, glitter, lápis de cera, hidrocor, barbante, durex, canudos, palitos de picolé, cola com brilho e papel canson 120g/m², este último sobre o qual a modelagem tinha de ser produzida. A depender do semestre, disponibilizaram-se também lantejoulas, revistas, notas pots-its e papéis coloridos. Cada grupo tinha de 60 a 80 minutos, em média, para a elaboração e entrega do produto visual juntamente com a elaboração de uma breve explicação por escrito (dois a três parágrafos, no máximo) do que se tratava essa produção. Ao final, cada equipe apresentava a sua representação, sendo substrato para o debate em sala e das aulas que se seguiam, especialmente ao final da disciplina, quando, aí, teriam de conectar com os textos lidos.

APRESENTANDO OS TRABALHOS

Tomamos como material de análise para este paper as seis produções dos 22 alunos que cursaram a disciplina, no período de agosto a dezembro de 2022, correspondendo ao semestre letivo 2022.1. Os grupos optaram por trabalhar mais com colagens e ilustrações, por terem sido disponibilizadas, naquele momento, revistas e jornais para a utilização de recortes como elemento das representações, algo novo na metodologia proposta pelo professor. Embora não tenha sido definida muito menos induzida a predominância desse tipo de produção, acreditamos que a opção se deveu a uma facilidade maior de eles poderem conectar melhor as noções de jornalismo e saúde, através do uso de palavras, letras e trechos de matérias recortados das publicações. Uma forma possivelmente menos abstrata de se produzir representação relacional, levando-se em conta as diferenças entre as duas áreas.

Das palavras utilizadas, “comunicação” e “comunicar” foram a que mais se repetiram, sendo observado em quatro dos seis trabalhos. Em um deles, a representação apareceu através da comunicação não verbal, através da fotografia de pessoas se

tocando, seja apenas no detalhe das mãos no cumprimento típico durante a pandemia com um balão qualificando essa imagem como “Top! Top! Top!” (sentido de algo muito bom), seja de corpo inteiro na saudação pelo corpo corporal entre dois profissionais de saúde aparentemente, como podemos ver na **Figura 1** abaixo:

Figura 1 – Empatia e humanização como foco da representação



Fonte: Reprodução Imagem Grupo 1, Jornalismo Noturno

Ainda sobre a ideia de comunicação, interessante perceber a associação feita com o jornalismo através da montagem proposta pelo grupo, com cinegrafistas e fotógrafos num plano abaixo dos profissionais se tocando e do destaque dado às mãos se cumprimentando, como se fosse uma cobertura jornalística. O detalhe das câmeras no cartaz, juntamente com os títulos comumente vistos em matérias sobre saúde, como “10 dúvidas sobre DST [doenças sexualmente transmissíveis]” e “O que você precisa saber sobre...” remete à ideia da produção dos veículos de comunicação a respeito do assunto. As imagens de medicamentos, dois preservativos e de um vírus metaforizado num pequeno monstro complementam a ideia de saúde, indicando, por um lado, a importância dada aos vírus nas epidemias e pandemias, caso do SARS-CoV-2 na covid-

19, e, por outro, a noção de prevenção, algumas vezes sob a lógica medicalizante. Tudo isso atrelado à ideia de cuidado e empatia por meio das palavras coladas no cartaz.

Trabalho desafiador de partida, segundo palavras do Grupo 1³, a solução encontrada foi representar a questão da covid-19 e o trabalho dos jornalistas durante a pandemia, associando depois a palavra “empatia” aos dois conceitos.

A ideia de trazer a empatia como conceito interseccional para o tema jornalismo e saúde partiu de uma discussão ocorrida durante a primeira aula da matéria eletiva. Dessa forma, foi buscado abordar no trabalho o seguinte sentido: para que um profissional da área da saúde atue, é preciso que ele realize seu trabalho de maneira humanizada, visando o melhor tratamento ao paciente, o mesmo ocorre para o jornalista, cuja humanização do trabalho se dá na medida em que se faz necessário compreender a realidade do outro/fonte, ambos mantendo sempre a ética, ambos colocando em prática a empatia por outrem. (Grupo 1, Jornalismo Noturno)

Definida como a capacidade de se colocar no lugar do outro, respeitando a realidade vivenciada por essa pessoa, a empatia carrega consigo a ideia de humanização, carregando no seu cerne o ato de considerar o outro como um ser único e complexo, remetendo ao respeito e à compaixão. A mesma ideia de empatia também apareceu na representação imagética de outro grupo da turma, só que como elemento agregador para articular a responsabilidade, o respeito e a ética que são inerentes ao trabalho exercido pelos profissionais tanto da comunicação quanto da saúde. Junto à palavra empatia, comunicar, informar e esclarecer foram os verbos escritos para compor os chamados conceitos-chave do grupo para interseção das duas áreas (**Figura 2**). Para o grupo, a proposta foi transmitir a realidade do jornalismo na área da saúde nas últimas décadas, pensando na saúde, sem se ater a alguma doença específica ou apenas à pandemia.

O jornalismo tem o poder de esclarecer, de informar, de desmistificar e quebrar tabus, diminuindo preconceitos e barreiras, além de modificar comportamentos. Vimos nos textos lidos que com produtos jornalísticos sobre saúde e bem-estar, o público passa a se preocupar mais e a procurar cuidados médicos antes mesmo de sentirem sintomas. O jornalismo também divulga os direitos que a população tem, o que incentiva que cada um vá atrás e exija o que deve receber. Vimos que a saúde é algo social e é também um direito de todos. Nas ilustrações feitas no cartaz, tivemos em mente mostrar o trabalho das equipes de saúde e dos profissionais de comunicação. Em conversa, observamos captar as primeiras imagens que vieram à nossa mente quando pensamos em Jornalismo e saúde. Por meio disso, além das colagens, ilustramos uma médica com trajes de trabalho, remédios em uma caixa, hospital, vários vírus para mostrar as doenças, site de notícias, câmera jornalística, caderno de anotações e microfone usado por repórteres. (Grupo 2, Jornalismo Noturno)

³ Optamos por identificar as equipes por números para evitar a exposição dos nomes dos estudantes.

A importância do jornalismo na saúde pública, oferecendo informações de utilidade pública para o cidadão sobre o Sistema Único de Saúde, denunciando a falta de políticas em promoção à saúde e falando sobre a importância do trabalho jornalístico na divulgação da vacinação e do isolamento para evitar a transmissão do vírus e na falta de assistência pública do Governo Federal na pandemia foram elementos norteadores da representação imagética. Além disso, a equipe tratou de outros elementos ligados ao SUS e sua assistência à população não só em consultas e procedimentos médicos, mas com a oferta de medicamentos e o trabalho da vigilância sanitária.

Figura 2 – Responsabilidade, respeito e ética no enfoque da representação



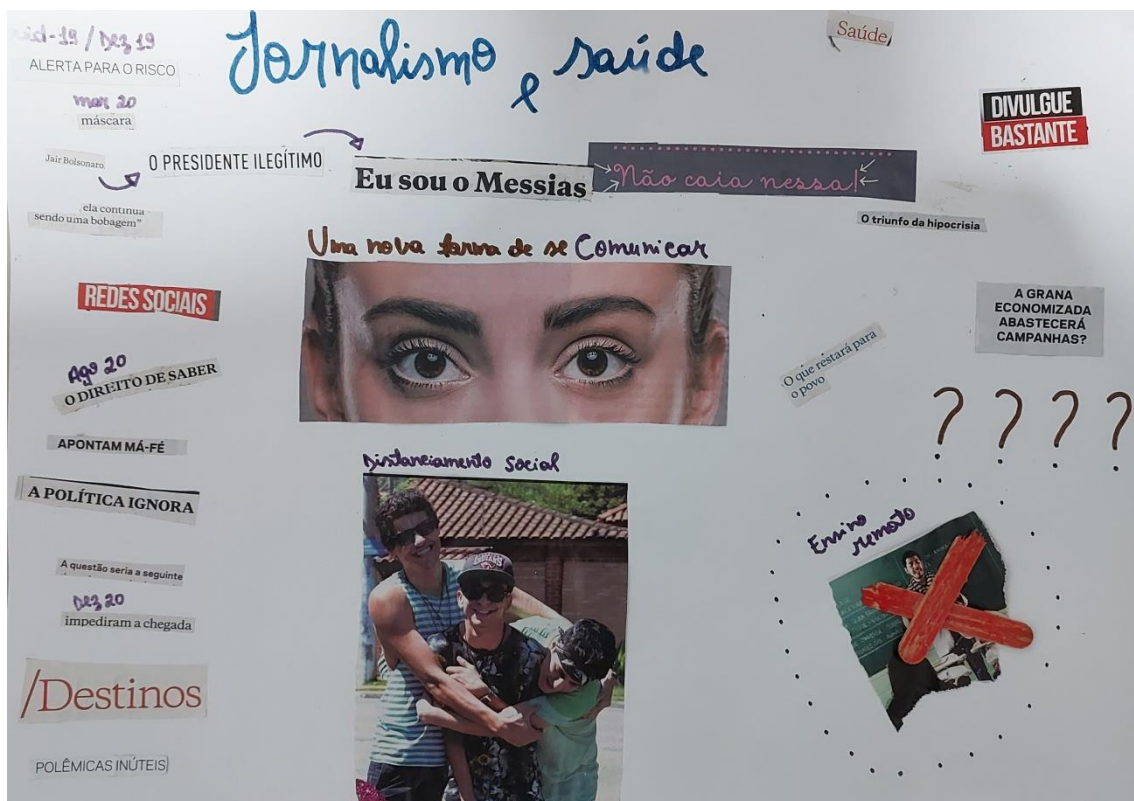
Fonte: Reprodução Imagem Grupo 2, Jornalismo Noturno

Outro eixo temático dentre os trabalhos desenvolvidos enfocou a importância da comunicação para a vida das pessoas como alternativa de combate às fake news e às polêmicas envolvendo o ex-presidente da República, Jair Bolsonaro, na produção de conteúdo desinformativo sobre a pandemia em curso, uma questão que afetou a compreensão a respeito do assunto e a saúde mental de milhares de brasileiros. “Nova visão” e “nova forma de se comunicar” foram termos usados em dois cartazes. Em um

deles, a imagem de dois olhos veio a corroborar não só para a necessidade de mudança na transmissão de informações, como também para a importância dos olhos na comunicação entre as pessoas, já que as máscaras encobriam a boca e o nariz.

Segundo o Grupo 3, “foram os olhos que falaram e as pessoas passaram a sorrir com o olhar. Ao contrário do que muitos pensam, o olhar é uma ferramenta poderosa da comunicação, com ele podemos transmitir muito mais do que imaginamos”. No período pandêmico, em que o sorriso perdeu um pouco do seu espaço, o olhar passou a ser a primeira fonte de comunicação entre as pessoas. A **Figura 3** abaixo mostra a narrativa imagética elaborada pelo grupo com base na cronologia dos fatos da pandemia da covid-19 no Brasil, desde os acontecimentos lidos no final de 2019 até agosto de 2022, quando o trabalho foi realizado.

Figura 3 – Cronologia dos fatos da pandemia da covid-19 em perspectiva



Fonte: Reprodução Imagem Grupo 3, Jornalismo Noturno

Na explicação do Grupo 3, as frases impactantes coladas junto com imagens significativas foram uma forma de construir a narrativa, fazendo alusão às vivências da população brasileira. “O fio condutor foi desmembrar acontecimentos fazendo alusão a

uma série, que contém um ‘prólogo’ como episódio piloto, decorre através dos seus episódios e finaliza com o famoso ‘season finale’” (Grupo 3, Jornalismo Noturno, grifos dos autores). Assim, enquanto o “prólogo” dessa narrativa imagética relatava o período do final de 2019 ao carnaval de 2020, quando o mundo começou a ter as primeiras notícias da uma nova pneumonia em curso na China e o aparecimento de casos fora da Ásia, no Brasil, o ex-presidente da República tratava de minimizar, intitulando a doença de “gripezinha”, buscando tranquilizar as pessoas, embora já se falasse de quarentena em fevereiro de 2020.

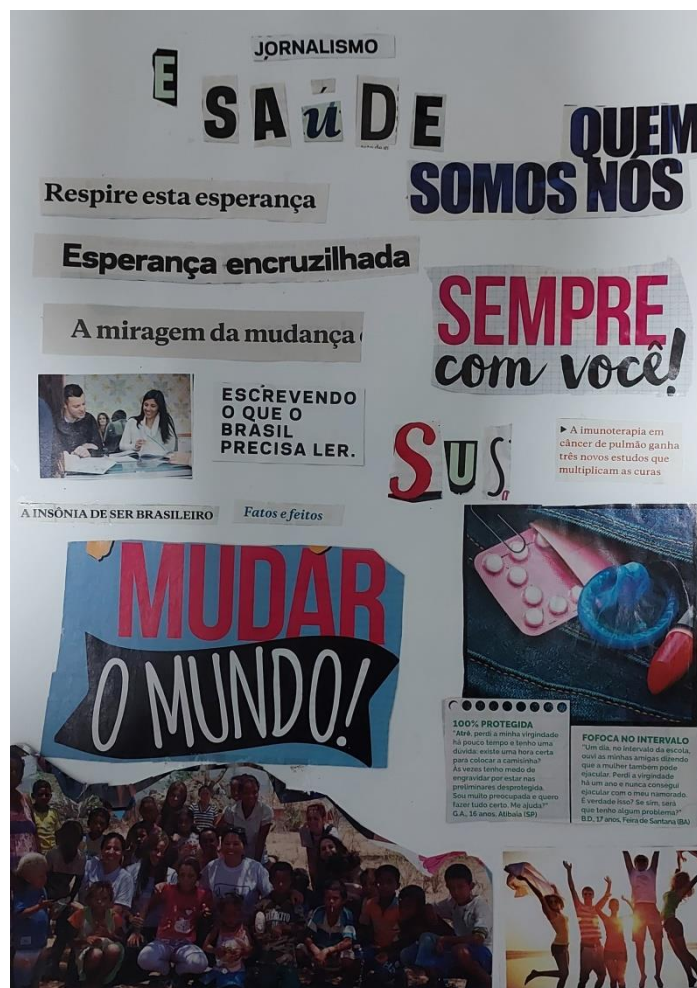
Na chamada “sessão 2”, as mortes, a disseminação do vírus e as incertezas compuseram o pano de fundo da narrativa, tendo novamente Jair Bolsonaro como personagem principal. Nas palavras do Grupo 3, “o Brasil ficava para trás no momento onde mais deveria ser transparente com as pessoas que seguiam em casa, com medo de sair e enfrentar o mundo lá fora”. Os ataques à imprensa pelo governo federal e o negacionismo ex-presidente, mantendo a indicação do uso do tratamento precoce à base da cloroquina, estratégia descartada por cientistas devido a sua ineficácia comprovada. Expressões como “o presidente ilegítimo”, “ele continua sendo uma bobagem”, “Eu sou o Messias”, “Não caia nessa” e “O triunfo da hipocrisia” foram coladas para relatar essa fase. Paralelamente a isso, a proibição de pequenos gestos, tais como abraçar, apertar a mão e quaisquer trocas de carinho entre pessoas próximas – foco da imagem entre três rapazes se abraçando – tiveram ênfase no uso do termo “distanciamento social”.

“O direito de saber”, “apontam má-fé”, “a política ignora”, “impediram a chegada”, “destinos”, “polêmicas inúteis”, “O restará para o povo” e “a grana economizada abastecerá campanhas?” complementaram o relato, enfatizando o imbróglio envolvendo o Governo Federal e os laboratórios que desenvolveram as vacinas para a imunização contra a covid-19. No aspecto educacional, o ensino remoto adotado pelas universidades como alternativa no período da pandemia foi abordado pelos estudantes através de uma montagem do professor em sala de aula marcado com o sinal de um “x” sobre a imagem com o uso de palitos de picolé pintados de vermelho, ressaltando a interdição imposta. “Nesse momento, a saúde e a comunicação foram colocados lado a lado na balança e para todos continuaram se cuidando e aprendendo esse tipo de ensino foi a melhor opção a ser tomada”, explicou o grupo. No entendimento dos integrantes, diante de uma doença desconhecida, a informação com

credibilidade do jornalismo manteve a sociedade atualizada sobre a covid-19, desde o primeiro caso registrado até a luta contra as fake news.

Considerando a participação ativa dos estudantes na produção de sentidos e na aproximação do entendimento deles sobre o trabalho proposto, a ênfase da comunicação e de outras noções, mesmo que inconsciente, ou seja, sem teorizações prévias e a partir da vivência deles, revela a importância da dimensão participativa e transformadora da prática comunicativa (Freire, 1983), sobretudo após os impactos causados na fase de isolamento e distanciamento social da pandemia da covid-19. “Desse modo, frases como ‘escrevendo o que o Brasil precisa ler’, ‘mudar o mundo’ e ‘sempre com você’ reforçam essa ideia”, escreveu a Equipe 4 (**Figura 4**). Significados que devem ser interpretados de forma correlacional às imagens.

Figura 4 – Ênfase na consciência, mudança e esperança



Fonte: Reprodução Imagem Grupo 4, Jornalismo Noturno

Nesse sentido, tratou-se de representar o jornalismo como uma ponte para desmistificar ideias sobre saúde e doença, entre elas imunoterapia, câncer, práticas sexuais protegidas e virgindade. Presente na Equipe 4, o SUS foi um dos termos que mais apareceram nos trabalhos produzidos, assim como “medicamentos” – este último relacionado a “antibióticos” e “vacinação” como variantes específicas – com destaque para a presença simbólica do Sistema Único de Saúde na elaboração de significados compartilhados com as imagens de profissionais médicos nas colagens.

Divulgação e informação também foram outros termos que articularam as duas áreas, dotando-as de maior sentido no tocante à conscientização das pessoas sobre as questões mais técnicas que envolvem a saúde. O que predominou entre os trabalhos sobre uma reflexão sobre o papel no jornalismo na difusão sobre o que é saúde e na importância cada vez maior da saúde na contemporaneidade, não só como direito constitucional, mas também como noção de cuidado individual à vida.

AMARRANDO AS IDEIAS

A modelagem é um recurso didático interessante que pode ser usado pelo professor dos cursos de Comunicação na sala de aula, com o propósito de permitir que o aluno demonstre o que sabe previamente dos conceitos previstos na ementa da disciplina. No caso da matéria de *Jornalismo e Saúde*, as representações imagéticas elaboradas pelos estudantes no começo do semestre letivo auxiliaram no desenvolvimento das discussões teóricas e práticas que se seguiram ao longo dos meses, sendo, ao final da disciplina, substrato para uma reflexão crítica sobre os conteúdos estudados. A leitura dos textos, a exposição dialogada dos conceitos e os demais trabalhos propostos foram fundamentais para essa produção em grupo.

Tendo a arte como elemento constitutivo dos trabalhos, a experiência lúdica proposta pela disciplina possibilitou uma maior compreensão e identificação do discente com os conteúdos e uma maior interação com seus colegas. Além disso, auxiliou no debate sobre o papel da comunicação e a importância de se entender e discutir as novas possibilidades de atuação do profissional jornalista multitarefas e hiperconectado no mercado contemporâneo. A participação ativa dos estudantes na produção dos modelos imagéticos, no formato de cartazes ou de esculturas, contribuiu para trazer a complexidade que envolve a associação entre o jornalismo e a saúde para a concretização das ideias num produto construído coletivamente.

Os resultados apresentados destacam a relevância da iniciativa, por promover a reflexão sobre as bases principais da atuação dos jornalistas e dos profissionais de saúde. De um lado, a empatia, como uma noção fundamental para o trabalho humanizado. Valores como respeito, escuta atenta, afeto e sensibilidade pela dor e sofrimento do outro costumam ser desconsideradas no sistema de produção capitalista em que vivemos na atualidade em nome da pretensa defesa da eficiência e eficácia por produtividade e pela ausência do olhar o outro como interlocutor fundamental no processo de comunicação tanto na fala quanto na escuta. A prática da ludicidade entre os alunos de graduação de Jornalismo busca justamente promover a conscientização sobre temas tão importantes, especialmente após a pandemia da covid-19, como forma de inspirar a formação de novos profissionais levando em conta as complexidades que envolvem a profissão do jornalista.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Iara Gilmony Farias et al. Utilização da massa de modelar como ferramenta para o processo de ensino-aprendizagem do conteúdo de divisão celular. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 3., 2016, Natal. **Anais...** Natal, 2016. p. 1-7.
- ARAÚJO, Inesita. **A reconversão do olhar**: prática discursiva e produção dos sentidos na intervenção social. Inesita Araújo. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2000.
- DUSO, Leandro et al. Modelização: uma possibilidade didática no ensino de Biologia. **Revista Ensaio**. Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 29-44, mai.-ago. 2013.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- FANTACHOLI, Fabiana das Neves. O brincar na educação infantil: jogos, brinquedos e brincadeiras. Um olhar psicopedagógico. **Revista Científica Aprender**. Varginha, MG: Fundação Aprender, 5. ed. 5 dez. 2011. Disponível em: <<http://revista.fundacaoaprender.org.br/?p=78>>. Acesso em: 14 jul. 2023.
- FERRAZ, Luiz Marcelo Robalinho. A modelização como ferramenta complementar no ensino de Teoria da Comunicação. **Comunicação & Educação**. São Paulo, ano XXIII, n. 1, p. 25-38, jan/jun 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/140478/140323>>. Acesso em: 15 jul. 2023.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- KLAUBERG, Selma Derodea Weiss. **O lúdico no ensino da Biologia**: uso de um modelo didático para ensino da divisão celular mitótica. 2015. 21f. Monografia (Especialização em Genética para Professores do Ensino Médio)– Universidade Federal do Paraná, Nova Londrina, 2016.

LERNER, Kátia. Doença, mídia e subjetividade: algumas aproximações teóricas. In: LERNER, Kátia; SACRAMENTO, Igor. **Saúde e jornalismo: interfaces contemporâneas**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2014. p. 151-61.

MASSA, Mônica de Souza. Ludicidade: da etimologia da palavra à complexidade do conceito. **Aprender**: Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação. Vitória da Conquista, BA, ano IX, n. 15, p. 111-30, 2015. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/view/2460/2029>>. Acesso em: 14 jul. 2023.

ROJAS, Juciara. **O lúdico na construção interdisciplinar da aprendizagem: uma pedagogia do afeto e da criatividade na escola**. Rio de Janeiro: ANPED, 2002.

SILVA, Marcelo Navarro da; BUENO, Simone. Modelagem matemática: uma contribuição para o ensino superior. **Tangram**: Revista de Educação Matemática. Dourados, MS, v. 1, n. 3, p.81-95, 2018.

SILVEIRA, Sheila Recepte; IDERIHA, Nilce Marzola. Uso de modelo tridimensional de argila no ensino-aprendizagem de embriologia humana. **Mirabilia Medicinæ**, Barcelona, Espanha, v. 1, p. 47-55, jul.-dez. 2013.

SPRINGER, Kalina Salaib; NUMMER, Andrea Valli. O uso de massinha de modelar para compreensão do relevo representado nos mapas físicos: proposta de prática para a geografia escolar. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOMORFOLOGIA, 6., 2006, Goiânia. **Anais...** Goiânia: UFG, 2006. p. 1-9.

TABAKMAN, Roxana. **A saúde na mídia: medicina para jornalistas, jornalismo para médicos**. São Paulo: Summus Editorial, 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. **Perfil socioeconômico e cultural dos(as) estudantes da UFAL**. Maceió: Edufal : Proest, 2020. Coleção UFAL e políticas públicas de gestão na educação superior.